

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

**METAFICÇÃO E PROCESSOS DE ESCRITA EM “O INVENTÁRIO DAS COISAS
AUSENTES”, DE CAROLA SAAVEDRA**

**METAFICTION AND WRITING PROCESSES IN “THE INVENTORY OF ABSENT
THINGS”, BY CAROLA SAAVEDRA**

Claudia Horrana da Costa Romano¹

Resumo: Neste artigo, analisaremos o romance *O inventário das coisas ausentes*, de Carola Saavedra, dialogando com as teorias das escritas de si da contemporaneidade, mais detidamente na teoria da metaficção, termo cunhado por William Gass, por volta de 1970, a partir de sua obra *Fiction and figures of life*, tendo para além disso, também como base teórica outras estudiosas da escrita autorreflexiva, como Leyla Perrone-Moisés e Linda Hutcheon. No cenário contemporâneo em que estamos inseridos, a tendência das escritas de si tornou-se cada vez mais frequente, entretanto a evolução dessa escrita biográfica, que passa por Phillipe Lejeune com o pacto autobiográfico e vai até à escrita que necessita do leitor, é uma tendência da atualidade. Por tratar-se de um romance pouco estudado, este artigo tem como objetivo contribuir com futuras pesquisas sobre metaficção e processos de escrita dentro da obra de Carola Saavedra.

Palavras-chave: Carola Saavedra. Escrita autorreflexiva. Metaficção. O inventário das coisas ausentes.

Abstract: In this article, we will analyze the novel *The inventory of absent things*, by Carola Saavedra, dialoguing with the theories of contemporary self-writing, more closely in the theory of metafiction, a term coined by William Gass, around 1970, based on his work *Fiction and figures of life*, also having as a theoretical basis other scholars of self-reflexive writing, such as Leyla Perrone-Moisés and Linda Hutcheon. In the contemporary scenario in which we are inserted, the trend of self-writing has become increasingly frequent, however the evolution of this biographical writing, which passes through Phillipe Lejeune with the autobiographical pact and goes on to writing that needs the reader, is a current trend. As it is a little-studied novel, this article aims to contribute to future research on metafiction and writing processes within Carola Saavedra's work.

Keywords: Carola Saavedra. Self-reflective writing. Metafiction. The inventory of missing things.

¹ Licenciada em Letras-Língua Portuguesa. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da UEG – POSLLI. E-mail: claudiaromanolet@gmail.com.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

1 Introdução

Carola Saavedra nasceu no Chile, mas veio para o Brasil com três anos de idade. Morou na Espanha, na França e na Alemanha. Formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É professora e pesquisadora de literatura da Universidade de Colônia, na Alemanha.

Publicado em 2014, o romance *O inventário das coisas ausentes* é narrado em primeira pessoa por um personagem que é escritor. O romance apresenta duas divisões: “Caderno de anotações” e “Ficções”. Nele, percebe-se uma intensa reflexão sobre a mimesis do processo² (Hutcheon, 1984), em que a autorreflexividade e a fragmentação do enredo tornam-se os elementos centrais do labor ficcional. Nele, o leitor se depara com a personagem Nina, que proveio de uma família de imigrantes chilenos e espanhóis. Esse aspecto vai de encontro com a origem da autora Carola Saavedra, que também é chilena e morou na Espanha.

O romance se inicia com a história de Nina, uma jovem chilena educada ou mais precisamente treinada pelo pai, que vive um relacionamento com o narrador e logo depois desaparece por quatorze anos, deixando como lembrança dezessete cadernos de anotações. Já na segunda parte, os diários são entregues ao narrador pelo pai velho e doente, com o qual a voz narrativa não mantém contato há pelo menos muitos anos. Esse mesmo narrador apresenta um processo de escrita na primeira parte do livro e vive na tentativa de organizar o que de fato fará com as memórias que a ele foram perpetuadas.

A partir daí, notam-se características presentes na metaficção, sobretudo no que diz respeito ao teor autorreflexivo presente na marcação de um gênero literário tratando de outro gênero literário, “o livro é sobre um lugar. Uma casa. E a descrição detalhada dos móveis da casa, suas janelas, corredores. É também sobre o tempo nesse lugar. Uma pequena engrenagem na memória” (SAAVEDRA, 2014, p. 10). A escrita presente – um caderno de anotações – se mescla à perspectiva diarística e romanesca.

² Em seu livro “*Mutações da literatura no século XXI*”, Leyla Perrone-Moisés questiona “o que é a literatura?” e retoma o conceito clássico definido por Aristóteles em sua *Poética*, na qual afirma que a arte verbal é mimese, imitação.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

No contexto do romance, podemos identificar a presença da memória em todo o roteiro, *O inventário das coisas ausentes* (2014), é constituído em grande parte por memórias, ora do narrador, ora de Saavedra. Neste sentido, podemos afirmar que há rememoração. E para Jeanne Marie Gagnebin (2009) a rememoração

[...] representa aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer com hesitação, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em partículas a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa a transformação do presente (Gagnebin, 2009, p. 55).

Em ambas as partes, o abandono e ausência familiar são marcas bem delineadas no desenrolar da história, além da divisão entre caderno de anotações e ficções, a narrativa traz também histórias paralelas, que são nomeadas “paralelas” pelo próprio narrador. À primeira vista, as histórias paralelas não fazem sentido, entretanto com uma leitura mais atenta, percebemos que elas são monotemáticas, ou seja, tratam de família, abandono e memórias difíceis. E por fim, estão intrinsecamente ligadas

História paralela. Considerado marido e pai exemplar, homem sai para trabalhar e não volta mais. Deixa para a mulher um bilhete com o número e a senha de uma conta de banco no exterior e a palavra desculpe. Anos depois ela o reconheceu na televisão, numa reportagem de rua, ele passava distraído por trás da apresentadora. Estava mais magro. (SAAVEDRA, 2014. p. 16).

Nota-se uma escrita especular, que é uma marca das narrativas metaficcionais. Há também a junção de memórias de narrador e personagem na construção do romance, caracterizando assim outra estratégia da metaficção

Olho o relógio. Ajeito as coisas sobre a mesa de trabalho, um porta-lápis, jornais, alguns livros empilhados. Sento-me ao computador, abro o arquivo no qual venho trabalhando há meses: escrevo uma, duas frases. Um homem e seu pai, vinte e três anos. Em algum momento o pai diz: eu não tenho culpa de ter te posto no mundo (SAAVEDRA, 2014, p. 59).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O conflito com a figura do narrador também se torna pauta durante grande parte da escrita, na tentativa de recriar a história da personagem Nina através dos cadernos deixados como lembrança por ela mesma, o narrador desenvolve uma escrita autorreflexiva, tocando o dedo na ferida ao ter que mergulhar nas suas próprias memórias paternas para recriar a história de vida da amada, é uma escrita com teia de histórias, ao passo que, da mesma forma que se encontram, se distanciam

2 Fundamentação teórica

Quando analisamos narrativas autorreflexivas, sejam elas autobiográficas, metaficcionais entre outras definições da escrita autorreflexiva, podemos notar que sempre há a presença da infância relatada de algum modo dentro da obra, com base nisso, Phillippe Lejeune diz: “é muito mais verossímil, e bastante frequente, começar pelo que está na origem, senão da vida, pelo menos da consciência as primeiras lembranças”(2008, p.32) e nas duas divisões do *Inventário das coisas ausentes*, encontramos relatos bem detalhados da infância de Nina e do narrador.

Antes dos termos autoficção, metaficção entre outros, Phillippe Lejeune define a autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2014, p. 58). Após o estudo de variadas biografias francesas, Lejeune cria o conceito “pacto autobiográfico”. O conceito faz menção a um certo tipo de contrato entre autor-leitor, algo para que possa dar respaldo e afirmar a veracidade da obra autobiográfica.

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deve fazê-lo (LEJEUNE, 2014, p. 85).

A criação do termo autoficção não agradou a Lejeune, o que gerou críticas para Doubrovsky. O criador do pacto autobiográfico declarou: “palavra-valise ‘autoficção’, inventada por Doubrovsky

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

para preencher uma casa vazia de um dos meus quadros” (LEJEUNE, 2014, p. 94). Para Lejeune era inconcebível que o autor tivesse o mesmo nome do herói do romance. Situando para o nosso objeto de pesquisa, Carola Saavedra não se insere no romance usando seu próprio nome, porém, deixa características suas na personagem Nina, e para estabelecer essa ligação, faz-se necessária uma pesquisa sobre vida-obra da autora.

A avó materna de Nina nasceu na Espanha. Os pais eram de Castela. A Espanha passava por uma grande recessão. Muita gente imigrava para a América Latina, e a família tinha alguns parentes no Chile. Foi uma longa viagem. Segundo Nina, a avó diz que sua primeira lembrança era justamente ali, a bordo de um navio (SAAVEDRA, 2014, p. 9).

A narrativa autobiográfica também conhecida como escrita autorreflexiva, é constituída de vastas linhas teóricas, como por exemplo, metaficção, autoficção, narrativa narcisista, antirromance entre outros. Neste artigo, traremos como base a linha teórica metaficção, por tratar-se de um romance que dialoga sobre a construção de um romance, melhor dizendo, um romance que documenta o processo de escrita do narrador-personagem. De acordo com estudiosos, mais precisamente americanos, ingleses e canadenses, o termo metaficção foi cunhado por William Gass em meados de 1970, em sua obra *Fiction and the figures of life* (1971) e começou a ser usado como sinônimo de ficção pós-moderna.

A teoria metaficcional se dá ao constatar que trata-se de uma ficção sobre ficção, afinal, falamos de uma escrita que é constituída a partir de mais de um gênero, sendo um intertextualizado com o outro, lembrando que, a metaficção não se limita à literatura. Em 2002, o diretor de cinema Spike Jonze dirigiu o filme norte americano “*Adaptation*”, que se denomina “comédia dramática”, o roteiro é baseado no livro *The Orchid Thief* (1998), de Susan Orlean, o longa-metragem aborda a construção da tentativa de um roteiro fielmente baseado no livro de Susan Orlean, sendo assim, uma obra cinematográfica inteiramente metaficcional, na qual temos a construção da ficção dentro da própria ficção, uma obra que apresenta o processo de construção dentro da obra “finalizada”. De

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

acordo com Zênia de Faria (2012), para considerar um texto metaficcional, leva-se em consideração a relação entre ficção e a realidade

Um sobrevoo pelas definições de metaficção revela que várias dentre elas, para considerar um texto como metaficcional, levam em consideração a relação entre ficção e realidade, e inúmeros estudiosos da metaficção viram esse gênero, ou categoria, como sendo em primeiro lugar, uma reação contra a ficção realista e uma recusa do mimético (FARIA, 2012. p.244).

Em sua obra *Narcissistic narrative: the metafictional paradox* (1984), Hutcheon destaca que o texto metaficcional é paradoxal porque embora se volte para a si mesmo (imagem narcisista), exige a participação ativa do leitor como coautor da construção do texto:

Os romances autorreflexivos contemporâneos exigem que o leitor participe do processo ficcional como co-criador imaginativo. Ao mesmo tempo, distanciam o leitor por sua autoconsciência textual. Como Narciso no mito grego, o romance de hoje é intensamente consciente de sua própria existência, continuamente chamando a atenção para seus próprios processos narrativos e estruturas linguísticas. (HUTCHEON, 1984, p. 12).

Hutcheon destaca o viés narcisista psicanalítico em obras pós-modernas, mas deixa claro que não o faz no sentido pejorativo, afinal, considera a narrativa narcisista e não particularmente o escritor.

Mikhail Bakhtin (1981), comenta que o romance é um gênero inacabado, em constante devir, que desde o início se apropriou de elementos de outros gêneros literários (tragédia, comédia, drama) e com as escritas de si cada vez mais presentes na sociedade pós-moderna, não é diferente. Leyla Perrone-Moisés diz que: “qualquer obra literária é metaliterária, porque pressupõe a existência de obras literárias anteriores. Ninguém é escritor sem ter sido, antes, um leitor” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 95). O professor e pesquisador Paulo Alberto da Silva Sales, em artigo publicado pela revista *Ícone* (2017), atesta que: “todo discurso é uma enunciação que envolve a produção e a recepção de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

sentidos contextualizados” (SALES, 2017, p. 07). A narrativa autobiográfica ramifica-se em vastas linhas teóricas, e sendo uma escrita cíclica, suas teorias tendem a se inovar sempre.

Em *O inventário das coisas ausentes* (2014), a autora faz uso de muitas características da metaficção. Uma delas é a problematização da escrita do texto ficcional dentro da ficção, exigindo a coparticipação do leitor na narrativa. Por vezes, questiona-se o que de fato é a história real e o que é ficção dentro da obra, e o leitor se transforma em um veículo da mudança da narrativa, trazendo uma reflexão acerca do próprio processo de escrita. Segundo Perrone-Moisés (2016), a metaficção fundamentada no conceito de Linda Hutcheon (1984), foi praticada em séculos passados por Cervantes, Sterne, Diderot, Machado de Assis e outros. Seria mais justo dizer que essa tendência autorreferencial da literatura se acentuou na modernidade e se tornou ainda mais presente na “modernidade tardia”

A história acaba quando o tempo se esgota e o corpo que a escreve se esgota, a história acaba quando somos obrigados a nos livrar dela, para que outro a compreenda, e coloque em seu texto uma vírgula ou um ponto final. A história acaba, não, a história não acaba nunca. (SAAVEDRA, 2014, p. 47).

Em uma entrevista feita pela Companhia das Letras, transmitida pela plataforma *YouTube*, em 2014, Carola Saavedra afirma que no âmbito de toda sua vida de escritora, sua escrita mais “radical” é *O inventário das coisas ausentes* (2014). No romance em questão, pode-se comprovar que a autora dá uma aula sobre escrita criativa, visto que, temos um escritor em processo de escrita de um romance. Sendo a metaficção uma possibilidade de escrita híbrida, há momentos em que as duas partes delimitadas na obra como *Caderno de anotações* e *Ficções* se encontram, deixando claro a intenção de intertextualidade da obra. Na primeira parte, Nina deixa ao narrador dezessete diários. Já na segunda parte, que é descrita como ficção, o pai do narrador o entrega também dezessete cadernos de anotações:

Está tudo aí, diz o homem velho apontando para os cadernos, tudo. Você sabe o que é isso?, o homem velho apoia a mão sobre a pilha de cadernos como se a qualquer

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

instante pudesse perder o equilíbrio ou como se de alguma forma os protegesse com aquele gesto, o peso do próprio corpo, o corpo magro de um velho. Eu olho fixo para os cadernos. Ele continua, estes são os diários que eu escrevi nestes últimos dezessete anos, um longo exercício de rememoração. (SAAVEDRA, 2014, p. 43)

De acordo com os estudos da metaficção, ainda segundo Hutcheon (1984), a metaficção é a história dentro da história e no romance de Saavedra, temos um escritor em processo criativo de escrita, em que se apresentam histórias paralelas que, por vezes não fazem sentido dentro da obra, mas vão de encontro com o gênero metaficcional. Afinal, o livro se trata também de como escrever um romance: “sempre gostei de pessoas sentadas num banco, sozinhas, escrevendo ou desenhando, dão a impressão que se bastam, apenas elas e o caderno” (SAAVEDRA, 2014, p. 6). Os detalhes apresentados pelo narrador são partes constitutivas dessa narrativa apresentados de forma crítica, “no bar entrego a Pedro os primeiros capítulos, é só um rascunho, não revisei ainda. É a história de que te falei. Ele não diz nada, passa os olhos pelo primeiro parágrafo, eu tento ler na expressão do seu rosto algum indício de simpatia ou desprezo” (SAAVEDRA, 2014, p. 9). Um romance constituído de uma série de ausências e invenções.

O inventário das coisas ausentes (2014), aborda questões de autorreflexão, a partir da voz narrativa, lembrando que, na escrita pós-moderna, temos a tendência das escritas de si que são centradas na perspectiva do eu, ao passo que torna-se indispensável a participação do leitor como atuante dentro da obra. O leitor atento é parte importante dentro da metaficção, afinal, trata-se de uma escrita que retoma fatos, desconstrói e constrói relações dentro da obra:

O livro avança lentamente. Releio o que escrevi: “Há uma mulher. Me odeia, me ama. Nos mantemos nesse limbo das indecisões. Transformamos um ao outro num escudo. Temos medo. Não sabemos de quê. No final da vida nos entreolhamos melancólicos, resignados, nos abraçamos, o outro nos parece ao mesmo tempo familiar e distante, pensamos, o que aconteceu conosco?, em que momento, distraídos, nos tornamos outras pessoas? (SAAVEDRA, 2014, p. 10).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Em específico na obra de Saavedra, temos um narrador que está em processo de escrita que trata do abandono, de memórias e de relações familiares a partir de uma escrita que necessita do leitor como mediador e participante do enredo. Em relação a isso, podemos destacar que a metaficção permite a escrita de si de uma maneira desconstruída, não necessariamente tendo a necessidade de ser linear, digamos que trata-se de uma performance dentro da narrativa. Para Diana Klinger, estudiosa das “escritas de si como performance”, as narrativas autorreflexivas são “sintoma” da época atual:

O fato de muitos romances contemporâneos se voltarem para a própria experiência do autor não parece destoar de uma sociedade marcada pela exaltação do sujeito. Uma sociedade na qual a mídia tem insistido na visibilidade do privado, na espetacularização da intimidade e na exploração da lógica da celebridade (KLINGER, 2008, p. 11).

Portanto, temos uma obra com hibridismo e pouco explorada no cenário teórico brasileiro, lembrando que, Carola Saavedra além de escritora é professora de literatura, ou seja, ela vive a escrita contemporânea nas duas faces, como autora e como pesquisadora, e ao declarar em 2014 que *O inventário das coisas ausentes* (2014), é sua escrita mais radical, a autora sabe que a obra deixaria os leitores boquiabertos e precisariam até mesmo de uma releitura para melhor assimilação do romance.

3 Considerações finais

Depois de todas as teorias e reflexões aqui citadas, percebemos o quanto as escritas de si são mutáveis. Um gênero que a priori era marginalizado pelo cânone literário, torna-se uma grande fonte de ramificações e cada vez mais ganha destaque nos estudos da literatura brasileira contemporânea. *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra sob o viés da metaficção e da escrita criativa, é uma narrativa feita sob a perspectiva de um autor-narrador, que apesar de não ser declaradamente um romance autobiográfico, é um romance que possui detalhes do narrador, sendo assim, é um romance que precisa do leitor atento, curioso, afinal a obra de Saavedra é capaz de tirar o leitor de sua zona de conforto após poucas páginas de leitura. As escritas de si pós-modernas não

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

se separam da teoria, não são apenas romances de introspecção feitos para devaneios e distração, são romances teóricos que instigam a participação do leitor como cúmplice e investigador ativo da narrativa. Saavedra faz um convite em *O inventário das coisas ausentes*, como se quisesse desafiar o leitor a algo muito mais complexo que um romance que trata de memórias e processo de escrita.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Editions Galilée, 1977.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos: a atualidade das escritas de si**. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-RIO, 2009.

FARIA, Zênia de. **A metaficção revisitada: uma introdução**. Revista Signótica. V. 24. n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/18739> Acessado em: 29 set. 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A nebulosa do (auto)biográfico**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Maria. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Discurso da narrativa**. Tradução por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic narrative: the metafictional paradox**. New York: London, Methuen, 1984.

KLINGER, Diana. **Escrita de si como performance**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 11-30, 2008.

LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2003.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Apresentação. In: LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAAVEDRA, Carola. **O inventário das coisas ausentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAAVEDRA, Carola. **Biografia**. Disponível em: <https://carolasaavedra.wordpress.com/biografia/> Acessado em: 29 de set. 2022.

SALES, Paulo Alberto da Silva. **Meta-história, Metaficção e Metaficção Historiográfica: uma revisão crítica**. Revista Ícone, v. 17. ISSN 1982-7717, nov. 2017. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/icone/issue/view/365 Acessado em 29 set. 2022.